

Transição de liderança e política externa: o Uzbequistão nos governos de Islam Karimov e Shavkat Mirziyoyev (1991-2023)

Leadership Transition and Foreign Policy: Uzbekistan under the Governments of Islam Karimov and Shavkat Mirziyoyev (1991-2023)

DOI: <https://doi.org/10.62496/reseu.v2i1.1>

Guilherme Geremias da Conceição

Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético, PPGRI San Tiago Dantas, São Paulo, Brasil

guilherme.g.conceicao@unesp.br  

Resumo

Este artigo busca analisar a política externa uzbeque nas administrações de Islam Karimov e Shavkat Mirziyoyev. O estudo, analisado sob o método comparativo de política externa, se justifica pela escassez de trabalhos em português sobre o tema e, em segundo lugar, pela certeza de que o Uzbequistão ocupa um papel de destaque em discussões relevantes para as Relações Internacionais do continente asiático e da Ásia Central. Questiona-se se a busca por legitimação da soberania uzbeque e por projetar sua influência em um cenário inicialmente desfavorável revela que a política externa do país foi pragmática, especialmente na primeira metade dos anos 2000, ao aproveitar as oportunidades de negociação oferecidas pelo Sistema Internacional, em vez de ser meramente errática. Além disso, pretende-se testar a hipótese de que o vácuo de poder deixado pela União Soviética (URSS), diante da torrente onde de violência regional, e do temor de desintegração nacional, foram fatores fundamentais para o comportamento do Uzbequistão no ambiente interno e externo. Nesse sentido, tanto os macroprocessos estruturais quanto os eventos conjunturais em nível regional e internacional justificam os movimentos descontínuos, instáveis e voláteis e as posições antagônicas da política externa uzbeque. A investigação também argumenta que a ação externa ativa do país sob Mirziyoyev foi, na verdade, a concretização de uma intenção anterior, elaborada por Karimov, mas limitada pelas intercorrências de seu tempo.

Palavras-chave: Uzbequistão; Análise de Política Externa; Política Externa Comparada.

Abstract

This article seeks to analyze Uzbek foreign policy under the administrations of Islam Karimov and Shavkat Mirziyoyev. The study, analyzed under the comparative method of foreign policy, is justified by the scarcity of works in Portuguese on the subject and, secondly, by the certainty that Uzbekistan plays a prominent role in discussions relevant to International Relations in the Asian continent and Central Asia. It questions whether the quest for legitimization of Uzbek sovereignty and projecting its influence in an initially unfavorable scenario reveals that the country's foreign policy was pragmatic, especially in the first half of the 2000s, by taking advantage of negotiation opportunities offered by the International System, rather than being merely erratic. Furthermore, it intends to test the hypothesis that the power vacuum left by the Soviet Union (USSR), amidst regional violence and the fear of national disintegration, were fundamental factors for Uzbekistan's behavior in both internal and external environments. In this sense, both the structural macro-processes and the conjunctural events at regional and international levels justify the discontinuous, unstable, and volatile movements and the antagonistic positions of Uzbek foreign policy. The investigation also argues that the active foreign action of the country under Mirziyoyev was actually the realization of a previous intention, formulated by Karimov but limited by the occurrences of his time.

Keywords: Uzbekistan; Foreign Policy Analysis; Comparative Foreign Policy.

Recebido: 23 de maio de 2024

Aceito: 13 de maio de 2025

Conflitos de interesse: não foram declarados quaisquer conflitos de interesse



Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da Licença [Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilha-Igual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criação a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais e no caso de ser transformado ou servir de base para outras criações, estas devem ser distribuídas sob a mesma licença que o original.

Introdução

Apesar de repentinos, quando os primeiros vestígios de dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) começaram a se tornar evidentes, o Uzbequistão, Estado mais populoso da Ásia Central, iniciou a contragosto seu processo de afastamento da confederação. No entanto, antes de romper com a URSS oficialmente e proclamar independência, o país declarou sua soberania em 20 de junho de 1989. Islam Abduganievich Karimov foi eleito pelo Soviete Supremo alguns meses depois, em março de 1990, após atuar como Primeiro-Secretário do Partido Comunista Uzbeque (KPUz)¹, e, assim como os líderes das Repúblicas Socialistas da Ucrânia e Bielorrússia, integrou o seletivo grupo de ex-dirigentes soviéticos que permaneceram no poder a partir de 1991 (OMELICHEVA, 2015).

É importante ressaltar que desde 1953, com a morte de Josef Stalin, tanto o Uzbequistão como as outras repúblicas centro-asiáticas mantiveram uma esfera significativa de autonomia dentro da União, sob a égide de Moscou². Este sistema durou até que Mikhail Gorbachev, em um esforço para reintroduzir a centralização econômica, acusou o Uzbequistão de corrupção em 1986, no evento que ficou conhecido como “o escândalo do algodão”. No entanto, a tentativa do governo central em promover tal política não obteve sucesso, pois ocorreu às vésperas do colapso soviético, cenário onde a própria Rússia cambaleava à beira do abismo (STARR, 2018).

É, de fato, tentador argumentar que o presidente Karimov foi um típico governante remanescente da era soviética, em outras palavras, que devia sua posição à liderança do Partido Comunista Russo. Mas sua nomeação para o cargo de Primeiro-Secretário do KPUz ocorreu somente depois que Gorbachev falhou duas vezes em indicar alguém que fosse aceito pelos cidadãos do país. Ou seja, a ascensão de Karimov ao poder foi resultado de um movimento em direção à independência com o apoio popular de seus compatriotas e não apenas uma decisão unilateral, ou a extensão da influência política de Moscou sobre a região (STARR, 2018). Ainda assim, embora o desaparecimento da URSS não tenha necessariamente surpreendido, a república uzbeque precisou lidar com inúmeras dificuldades nas esferas política, econômica e social, sem a ajuda ou resguarda do aparato soviético (CAPISANI, 2000).

Além de estabelecer uma estrutura para o gerenciamento do governo em um curto espaço de tempo, o país necessitou enfrentar um enorme problema orçamentário em suas contas públicas sem a experiência de tê-lo feito anteriormente na ausência de um corpo burocrático-administrativo robusto. Nesse sentido, para Giampaolo Capisani (2000, p. 81), em meados de 1991, o Uzbequistão não era mais o bastião da autoexpressão e a “vitrine islâmica para o Oriente Médio e Próximo”, incentivada anteriormente por Moscou, mas sim “um país a caminho do subdesenvolvimento”. As relações com os demais Estados da Ásia Central sofreram com disputas de acesso à água e a priorização de fronteiras e da segurança nacional sobre o envolvimento estrangeiro e a integração. O governo Karimov também buscou potencializar a geografia estratégica do país para extrair concessões dos vizinhos e maximizar a sua autonomia perante Rússia e China, traçando ainda um percurso independente em seus laços diplomáticos com os Estados Unidos (EUA) e com o bloco ocidental, apesar de oscilações ocasionais.

Apesar dessas características de equilíbrio, a política externa uzbeque foi considerada “retrograda”, “isolacionista” e pouco demonstrou interesse na resolução pacífica dos problemas regionais. Uma abordagem que vem sendo alterada desde que Shavkat Mirziyoyev se tornou presidente interino, com a morte repentina de Karimov em 2016, e, depois, presidente eleito do Uzbequistão, em 2017. Nesse período, não foram poucas as manchetes que especularam sobre uma provável aproximação de Moscou, em virtude do relacionamento pessoal entre o novo mandatário e as elites russas. Tabloides também sugeriram a

¹ Karimov, no entanto, não era uma figura desconhecida entre os uzbeques, e havia passado duas décadas de sua carreira política trabalhando para o Comitê Estadual de Planejamento da URSS, conhecido como “Gosplan”, uma agência responsável por desenvolver planos para os setores econômicos controlados pelo Estado (STARR, 2018).

² Certamente algumas das práticas pelas quais Sharof Rashidov, à época Primeiro-Secretário do KPUz, conseguiu obter tal independência foram consideradas ilegais sob a lei soviética, mas trouxeram benefícios inegáveis para o país com o influxo massivo de investimento dos fundos da URSS para a agricultura (STARR, 2018).

continuidade da estratégia anterior rumo ao isolacionismo completo, como aquele adotado pelo Turcomenistão (DADABAEV, 2018a).

Todavia, os passos subsequentes de Mirziyoyev no plano internacional nos permite argumentar que o Uzbequistão passa por mudanças drásticas em sua política externa e inaugura uma nova fase de desenvolvimento. Richard Weitz (2018, p.9, tradução nossa), um importante estudioso sobre o tema, defendeu que a posição internacional do país “está se desenvolvendo pela primeira vez em décadas”. Para ele, Mirziyoyev desempenha um papel importante nessa mudança, com uma “nova política” que prioriza a solidariedade com a Ásia Central. Foi sugerido por outro especialista que “mudanças profundas na política externa aconteceram nos níveis intrarregional e internacional” e que o Estado uzbeque “vem reforçando uma estratégia multivetorial de abertura” (POUJOL, 2021, p. 726, tradução nossa). Todas essas declarações apontam as iniciativas do novo presidente enquanto um fator de afastamento notável em relação às posturas adotadas por Karimov no passado (DADABAEV, 2018a; SAUD, 2018). Da mesma forma, defendem que a busca de Mirziyoyev pela política de engajamento regional reavivou as esperanças da integração centro-asiática (ZAKIROV; NEVSKAYA, 2017; ANCESCHI, 2019; ABRAÇO 2020; NURIMBETOV, 2021).

Certamente o fator que motivou tais argumentos foi a transição na liderança presidencial. Ainda assim, é fácil, ou talvez até demais, atribuir a mudança na postura internacional do país simplesmente às diferenças entre os seus líderes. Logo, o presente trabalho pretende analisar a política externa uzbeque sob Mirziyoyev, em comparação com a de seu antecessor, Karimov, para identificar se houve ruptura ou continuidade no comportamento exterior do Uzbequistão. O trabalho busca sustentar que, embora existam algumas alterações na abordagem da política externa do atual presidente, Mirziyoyev manteve a estratégia central estabelecida por seu antecessor, havendo, assim, uma continuidade e não um desvio no modelo de inserção global adotado pelo país. Questiona-se, portanto, se a busca por legitimar sua soberania e projetar sua influência em um cenário inicialmente desfavorável mostra que o Uzbequistão teria sido oportunista, principalmente na primeira metade dos anos 2000, utilizando-se do espaço de negociação disposto pelo Sistema Internacional, e não simplesmente errático no período.

Além disso, pretende-se testar a hipótese de que o vácuo de poder deixado pela URSS, diante da torrente onda de violência regional, e o temor da desintegração territorial uzbeque, foram fatores fundamentais para o comportamento adotado pelo país no ambiente interno e externo. Em outras palavras, tanto os macroprocessos estruturais quanto os eventos conjunturais em nível regional e internacional justificam os movimentos descontínuos, instáveis e voláteis e as posições antagônicas do Uzbequistão. A investigação ainda argumenta que a ação externa “ativa” do país sob Mirziyoyev é, na verdade, a concretização de uma intenção anterior, elaborada por Karimov, mas limitada pelas intercorrências de seu tempo e oferece uma perspectiva histórica e comparativa sobre a política uzbeque pós-soviética, baseando-se em fontes primárias e secundárias.

O governo Karimov e a política externa “defensiva” (1991-2016): soberania a todo custo?

Após a independência, Islam Karimov organizou as primeiras eleições do Uzbequistão. De acordo com Robin Merritt (2004, p. 56, tradução nossa), “ele assumiu a imagem de fiador da estabilidade política e defensor das tradições nacionais, inclusive daquelas mais distantes dele, como a religião”. Dessa forma, buscando garantir a unidade nacional, Karimov apostou na abordagem etnonacionalista, resgatando o passado glorioso da “poderosa herança uzbeque”: o então *Lenin College* foi renomeado, tornando-se *Timur College*; estátuas de Karl Marx e Vladimir Lênin, ou qualquer outra lembrança legatária do período soviético, foram substituídas por monumentos de “figuras nacionais” nos centros do país; uma Universidade Islâmica foi estabelecida na capital Tashkent; a língua uzbeque ascendeu ao epíteto oficial da república, entre outras medidas (MERRITT, 2004).

Ações também seguiram em matéria de educação pública, e, ao contrário de alguns Estados vizinhos, que concentraram-se na abertura de universidades estrangeiras em suas capitais, o Uzbequistão debruçou-se sobre o treinamento

vocacional e técnico de seus cidadãos nos níveis médio e superior para superar o vácuo burocrático da transição à economia liberal (WEITZ, 2018). Na esteira das quatrocentas novas faculdades para o treinamento e inserção de trabalhadores no mercado de trabalho, outro desafio particular enfrentado pelo governo foi afirmar o islamismo tradicional da região e permanecer aberto à cultura secular. Esse ponto foi também um fator importante que afetou as relações externas do país durante as primeiras décadas de sua independência.

Nesse sentido, Karimov tomou medidas para fortalecer e reafirmar as tradições moderadas do Islã no local³. Isso incluiu a modernização no treinamento de mulás e o estímulo à publicações de escritos sobre a história e a natureza religiosa do Uzbequistão. O governo também reconheceu a importância da Ásia Central enquanto vetor do islamismo e trabalhou para preservar e promover suas tradições intelectuais desde 1992, quando o presidente enfatizou o caráter secular do Estado, garantido por uma legislação constitucional branda e objetivando resguardar a liberdade religiosa nacional (WEITZ, 2018). No entanto, o colapso da URSS criou um vácuo de poder que vários grupos radicais procuraram preencher.

O Vale de Fergana (região compartilhada com os vizinhos quirguizes e tadjiques), neste contexto, estava em polvorosa uma vez que a Guerra Civil Tadjique (1992-1997), a leste dos limites territoriais uzbeques, e o controle do Afeganistão pelo Talibã, ao sul da fronteira, fizeram com que o radicalismo encontrasse um ambiente amistoso para sua difusão, enquanto grupos locais, financiados por organizações interenacionais e pelo narcotráfico transfronteiriço, como o Movimento Islâmico do Uzbequistão (IMU) e o *Hizb-ut-Tahrir* (HT), surgiam na região (AYDIN, 2004). Desconcertada pela torrente onda de violência, a administração Karimov utilizou a situação como um pretexto para endurecer suas medidas de segurança e aumentar o controle sobre os visitantes do país e seu povo (OMELICHEVA, 2015). Não surpreendentemente, o presidente que havia realizado seu juramento de responsabilidade presidencial sobre o Alcorão, no início da década, mudou radicalmente de posição e direcionou seu discurso contra grupos muçulmanos no país (AYDIN, 2004).

Esse contexto de instabilidade securitária culminou no episódio do massacre de 2005, quando um levante na cidade de Andijan, no leste do território uzbeque, abriu caminho para uma rápida e violenta resposta de Karimov, que reprimiu a insurreição responsável por 188 baixas, muitas delas de civis⁴. Uma atitude que, para Merritt (2004), reforçava a popularidade do HT e do IMU entre os cidadãos jovens da região. Somadas à conjuntura da dissolução soviética, o Uzbequistão também precisou lidar com as pressões econômicas liberalizantes do Ocidente. De acordo com Richard Weitz (2018), o presidente ouviu pacientemente enquanto as instituições financeiras internacionais e os governos ocidentais o pressionavam para realizar o que chamavam de “terapia de choque”, uma privatização rápida de ativos estatais em direção à economia de mercado. Outros o aconselharam a tentar manter ou reconstruir os antigos laços econômicos com a Rússia e voltar a ficar sob o guarda-chuva de Moscou, no momento em que os russos estavam formando uma teia de novas instituições destinadas a abraçar a antiga URSS, incluindo uma aliança militar⁵.

Todavia, Karimov, reunindo os pontos fortes existentes na economia uzbeque e buscando garantir que eles não fossem corroídos por reformas mal concebidas, escolheu seus projetos com base no quanto eles fortaleceriam a soberania do Estado (WEITZ, 2018). Pode-se dizer que essa estratégia inicial, de caráter totalmente defensivo, rendeu frutos sólidos para o país e, ao proteger militantemente seu território contra os graves desafios externos, o governo criou um ambiente no qual o Uzbequistão pôde adotar uma nova Constituição, recrudescer suas leis de segurança interna, criar ministérios essenciais, estabelecer embaixadas no exterior e dar os primeiros passos cautelosos rumo ao liberalismo. Na medida em que o algodão, o gás natural, o urânio, o ouro e a extração de outros recursos haviam sido a maior herança econômica do período soviético, assim como as fábricas de Tashkent que atendiam a um alto padrão de produção industrial, o presidente Karimov manteve o papel central do

³ Conhecido por abrigar os principais centros históricos e políticos da região (como àqueles vinculados à antiga Rota da Seda: Bukhara, Khiva e Samarkand), o Uzbequistão não somente possui grande influência islâmica, como é considerado o berço do Islã na Ásia Central, compartilhando também a herança sedentária das civilizações centro-asiáticas (AYDIN, 2004).

⁴ Para uma compreensão mais estrita acerca da relação Islã-Uzbequistão, ver mais em: CONCEIÇÃO, Guilherme. Islã, secularismo e concerto nacional: o Uzbequistão no meio do caminho. *Malala, Revista Internacional de Estudos sobre o Oriente Médio e Mundo Muçulmano*, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 14, p. 55–77, 2023.

⁵ À época esboçada pelo Tratado de Segurança Coletiva de 1992, e, posteriormente, pela Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO) de 2002.

Estado na economia, introduzindo privatizações limitadas apenas nas áreas da mineração e manufatura (WEITZ, 2018; TOKTOGULOV, 2022).

Enquanto estas iniciativas foram importantes para reduzir o poder das facções regionais e das forças políticas centrífugas em geral, no campo das medidas cambiais, Karimov recusou tornar a nova moeda nacional, *o'som*, conversível e intensificou as leis que dificultavam a repatriação de lucros dos investidores internacionais, justamente por desconfiar de qualquer tipo de “controle estrangeiro” sobre o Uzbequistão. É claro que a política de proteção dos produtores uzbeques contra a competição desencorajou a modernização econômica. Assim como a existência de uma taxa de câmbio estabelecida por decreto e não por forças de mercado inevitavelmente resultou no surgimento de comerciantes ilícitos de moeda no país (TOKTOGULOV, 2022). Em contrapartida, porém, a estratégia cautelosa do presidente não só parecia justificada como também continuava rendendo-lhe estabilidade interna. Surpreendentemente, ou não, a economia nacional prosperou na maior parte da década de 1990, ultrapassando até mesmo seus vizinhos da Ásia Central e, após uma queda na produção no início dos anos 2000, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) se recuperou em 2007 graças à estratégia “ensimesmada”. Como Karimov evitou empréstimos estrangeiros, o Uzbequistão também sobreviveu à crise financeira de 2008, sofrendo pouco com o declínio dos preços mundiais de energia e com as eventuais sanções econômicas à Rússia.

Karimov e a Política da Independência: o regionalismo da indiferença?

Depois de proteger a economia e garantir a unidade nacional frente às ameaças do período, as principais preocupações do governo foram as pressões geopolíticas. Mesmo estabelecendo uma forte regulação das relações internas e, nesse sentido, priorizando o cenário doméstico, o Uzbequistão não se absteve da arena internacional e manteve ativa as alianças externas potencialmente benéficas ao Estado. De acordo com a lei de 1996 sobre Os Princípios de Atividades Políticas Estrangeiras da República do Uzbequistão, primeiro ato legislativo que regulamentou a política exterior do país:

Artigo 2º: a República do Uzbequistão pode participar de uniões, de *commonwealths* e de outras formações interestatais, bem como retirar-se delas, procedendo dos mais altos interesses do Estado, do povo, do seu bem-estar e segurança.

Artigo 3º: A República do Uzbequistão constrói relações iguais e mutuamente benéficas com todos os Estados, excluindo qualquer possibilidade de interferência nos assuntos internos, violação da independência e soberania e ideologização das relações interestatais.

Artigo 5º: A República do Uzbequistão atribui importância prioritária às entidades interestatais, incluindo as econômicas, que asseguram a estabilidade, o desenvolvimento sustentável e a segurança nacional, e promovem a disseminação de informação, tecnologia e comunicação da República do Uzbequistão nas relações econômicas mundiais (BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO, 1996, s/p, tradução nossa).

Compreendendo certos princípios, como a construção de relações iguais e mutuamente benéficas com todos os Estados e a participação ativa no trabalho das organizações internacionais, pode ser dito que a política externa do governo Karimov foi baseada no fortalecimento de sua independência e soberania nacional, maximizando sua segurança e impedindo que atores estrangeiros interferissem em seus assuntos domésticos. Buscando concretizar esse objetivo, a chamada Política da Independência (*mustaqillik*) rompeu com a relativa “obediência” ao antigo centro soviético e promoveu, como visto, seu próprio desenvolvimento econômico (STARR, 2018). Para Bruce Pannier (1999, s/p, tradução nossa), que descreve a posição de Tashkent logo após a emancipação política: “A prioridade do presidente Karimov foi estabelecer firmemente a independência do Uzbequistão. E claramente o primeiro passo para fazê-lo foi criar uma distância entre ele e Moscou como potência colonial”.

No entanto, o Uzbequistão continuou apoiando as alianças econômicas e militares lideradas pela Rússia até o final da década de 1990. Em 1991, Tashkent aderiu à Comunidade de Estados Independentes (CEI) por razões puramente econômicas e,

devido à ameaça do fundamentalismo islâmico na região, em 1992, assinou sua adesão ao Tratado de Segurança Coletiva que foi estabelecido no âmbito da CEI para a cooperação no setor securitário (WEITZ, 2018). Já em relação à Ásia Central, é possível afirmar que, durante duas décadas e meia de governo Karimov, a postura do Uzbequistão com os vizinhos oscilou entre amizades e desavenças. Certamente, todos os primeiros líderes da região, nomeadamente Karimov, Askar Akaev (Quirguistão), Nursultan Nazarbayev (Cazaquistão), Saparmurad Niyazov (Turcomenistão) e Imomali Rakhmonov (mais tarde Rakhmon) (Tadjiquistão) eram personalidades fortes que insistiam em receber o que consideravam devido na figura de *founding fathers* centro-asiáticos. No entanto, as explicações personalistas ignoram alguns fatores centrais para a causa das tensões entre o presidente uzbeque e seus análogos, além de, também, desconsiderar as iniciativas de integração regional defendidas pelo país na década de 1990.

Não se pode perder de vista que a motivação principal para os inúmeros impasses políticos daquele período remetia às questões territoriais da região. Divergências sobre terras, pastagens e recursos hídricos, antes coletivizados, como no caso da Questão da Água, foram problemas muito explorados com Quirguistão e Tadjiquistão, repúblicas que, apesar de possuírem dimensões reduzidas, são responsáveis pela segurança hídrica centro-asiática. No caso uzbeque, a necessidade de garantir irrigação às safras de algodão choca-se frontalmente com a intenção tadjique de construir barragens para suprir seus problemas de energia, algo particularmente sensível na região de Fergana (TOKTOGULOV, 2022).

Adiciona-se à situação dos recursos hídricos, a condição fluida das fronteiras e a presença de muitos nacionais de outros Estados em solo uzbeque no contexto de insegurança regional do período pós-1991. Isso contribuiu para o desencadeamento de atritos e causou o conflito com o Quirguistão, por causa do exclave de Sokh e pela restrição de direitos aos uzbeques étnicos no sul da república vizinha. Além disso, a incursão dos militantes do IMU no país através dos territórios quirguiz e tadjique provocou uma crise diplomática significativa entre os três Estados. Por fazer limite com todas as repúblicas centro-asiáticas, o Uzbequistão de Karimov ainda gerenciou tensões em disputas fronteiriças com o Turcomenistão e o Cazaquistão (KELKITLI, 2022). Porém, apesar das relações voláteis, Tashkent demonstrou disposição para deixar de lado as inimizades quando preocupações importantes estavam em jogo.

Como foi famosamente afirmado pelo presidente Karimov (1992, p. 302, tradução nossa), “[...] nenhum dos Estados pós-soviéticos se opõe à integração. Ao mesmo tempo, nenhum vai abandonar a sua independência”. Logo, o principal objetivo político do Uzbequistão foi a criação de um mercado comum e a promoção de uma zona de livre comércio. Tudo o que fosse para além deste objetivo alarmava a liderança uzbeque e motivava-a a proteger a soberania do Estado. Ao caracterizar os acordos do Espaço Econômico Comum da Ásia Central, Karimov declarou:

Esta região [Ásia Central] sempre esteve integrada de uma forma ou de outra. Após a aquisição da independência, os povos centro-asiáticos perceberam mais uma vez a necessidade de construir coletivamente o seu próprio futuro. Um dos passos práticos nesta direção foi a assinatura, em Tashkent, com os presidentes do Cazaquistão e Quirguistão, de um Acordo sobre o Espaço Econômico Comum entre estes Estados soberanos (KARIMOV, 1992, p. 311, tradução nossa).

Em janeiro de 1993, as repúblicas centro-asiáticas assinaram o Protocolo dos Cinco Estados da Ásia Central sobre um Mercado Comum, visando a coordenação monetária após a saída da zona do rublo russo⁶. A criação da União da Ásia Central (CAU)⁷ ocorreu em 1994, em Tashkent, inicialmente entre Uzbequistão e Cazaquistão, e posteriormente com a adesão do

⁶ É importante ressaltar que de maneira similar às outras repúblicas da Ásia Central, o Uzbequistão não possuía a experiência e a base econômica para introduzir a sua própria moeda na economia nacional. Assim, até o momento de criação do *o'som*, o país fez o que estava ao seu alcance para permanecer na zona do rublo. No entanto, a Rússia, fragilizada com o fim da URSS e preocupada com a sua própria estabilidade econômica, impôs unilateralmente condições para a utilização de sua moeda no exterior, o que simbolizou o primeiro sinal para que os Estados centro-asiáticos iniciassem um processo de “distanciamento” do Kremlin (DADABAEV, 2018a).

⁷ O grupo também teve participação para que a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhecessem a região como uma zona livre de armas nucleares. Iniciada pelo Uzbequistão, em 2006, e finalmente ratificada pela ONU, após pressão do Cazaquistão, essa medida aparentemente inócua possuiu importantes

Quirguistão. A cimeira realizada em Cholpon-Ata, em abril daquele ano, ressaltou a necessidade da cooperação política, cultural e econômica entre os tais Estados, declarando aberta à adesão de todos os membros da CEI que estivessem dispostos a cumprir os objetivos da organização (DADABAEV, 2018a). Posteriormente, os líderes cazaque, quirguiz e uzbeque concordaram em formar uma união econômica e de defesa abrangente. Durante as reuniões seguintes, foram criados órgãos de supervisão, como o Conselho de Chefes de Estado, o Conselho de Chefes de Governo e o Comitê de Ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa. Outro documento importante assinado neste período foi o Tratado de Amizade Eterna entre a República do Uzbequistão, a República do Cazaquistão e a República do Quirguistão e o ato de fundação do Banco da Ásia Central para a Cooperação e Desenvolvimento (BACD), em Bishkek (DADABAEV, 2018a).

Em 1997, em Akmola (mais tarde denominada Astana, capital cazaque), discutiu-se a implementação do Acordo sobre um Espaço Econômico e, no início de 1998, os Chefes de Estado reuniram-se em Ashgabat (capital turcomana) para a assinatura de uma declaração conjunta sobre a cooperação regional. Ambos os objetivos foram reforçados mais tarde, em março do mesmo ano, quando os presidentes da CAU (incluindo o Tadjiquistão, que até então membro observador) realizaram a Cimeira de Tashkent e rebatizaram a organização para Comunidade Econômica da Ásia Central (CAEC) (BBC, 1998). Em 2001, a institucionalização regional evoluiu para um novo patamar, se transformando na Organização de Cooperação da Ásia Central (CACO), que incluía em seus objetivos de atuação as preocupações de segurança geradas no contexto da Guerra ao Terror.

Um exemplo notável da aproximação uzbeque com os vizinhos também foi observado em 2007 no avanço de suas relações com o Turcomenistão, país que, citando seu *status* de neutralidade internacional, manteve-se, em grande medida, indiferente às iniciativas de integração centro-asiáticas. O governo Karimov, buscando atender às necessidades do vizinho, permitiu a passagem de um gasoduto dos campos turcomenos de Bagtyyarylyk e Iolotan para o centro industrial da China, como parte do esforço de Ashgabat para diversificar seus mercados de energia. De maneira similar, em 2012, Karimov assinou junto ao colega cazaque Nazarbayev um Tratado de Parceria Estratégica e parabenizou o análogo tadjique Rakhmon pelo aniversário de vinte anos das relações entre os dois países (DADABAYEV, 2018a). Estes gestos se basearam em muitos exemplos discretos de cooperação que ocorreram apesar das tensões mais visíveis, num período em que os mega-projetos de integração haviam sido deixados de lado e que ameaças transnacionais se tornavam mais evidentes.

Karimov e as Grandes Potências: oportunismo ou pragmatismo?

No que tange às relações com as grandes potências, em 2004, dois anos depois de pleitear o assento de observador da CACO, o presidente russo Vladimir Putin exigiu sua adesão plena e, em seguida, usou dessa prerrogativa para propor que a organização fosse extinta e substituída por uma entidade de sua autoria, que mais tarde se tornou a União Econômica da Eurásia (UEE). O Uzbequistão de Karimov recusou-se a aderir à UEE e, na sequência, deixou de participar das estruturas multilaterais da CEI, tanto militar quanto economicamente, tornando-se abertamente crítico aos esforços da Comunidade (JONSON, 2006). A essa altura, ofendido pela falta de ajuda russa, após a captura do norte do Afeganistão pelo Talibã, o Tashkent também se opôs às tentativas do Kremlin de integração e à sua presença militar no Tadjiquistão e Quirguistão, anunciando sua retirada da CSTO (PANNIER, 2000).

Embora os representantes russos deste organismo securitário tenham rejeitado as acusações uzbeques de que a Rússia estaria buscando um domínio militar na Ásia Central, o Uzbequistão não renovou sua adesão ao Tratado e tornou-se membro temporário da Organização para a Democracia e o Desenvolvimento Econômico, composta por Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia, que foi formalmente fundada em 1997 para fortalecer a independência e a soberania de ex-membros da URSS à revelia de Moscou (WEITZ, 2018). Pelas mesmas razões, em 2010, o Uzbequistão se opôs consistentemente à intenção do

Kremlin de abrir uma instalação de treinamento militar no Vale de Fergana, em território quirguiz (alistando o apoio da China para fortalecer sua posição), além de ter se oposto à duplicação do número de tropas da CSTO no Tadjiquistão, em 2011, o que fez com que a Rússia recuasse temporariamente nas duas iniciativas (STARR, 2018).

Desde o final da década de 1990 até o início dos anos 2000, Karimov buscou laços mais estreitos com o Ocidente, particularmente os EUA e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Antes do 11 de setembro, em Nova Iorque, o país colaborou com os norte-americanos em esforços regionais antiterrorismo para aliviar suas preocupações com o IMU, que havia se aliado ao Talibã. No entanto, após o episódio no *World Trade Center*, em 2001, Tashkent procurou assegurar uma cooperação mais próxima com o Ocidente para lidar com receios comuns e maximizar sua segurança nacional, o que levou o país a ceder seu território e espaço aéreo (base de Karshi-Khanabad-K2) às forças americanas na luta contra o terrorismo e a assinar, em 2002, a Declaração sobre Parceria Estratégica e Quadro de Cooperação, parte da Operação Enduring Freedom (OEF) (WEITZ, 2018).

Motivada pela lógica de aproximação, Tashkent também permitiu que a OTAN trouxesse suprimentos de guerra para o Afeganistão por meio da Rede de Distribuição do Norte (NDN), além de colaborar com o Banco de Desenvolvimento da Ásia para a construção de uma ferrovia na fronteira uzbeque-afegã até Mazar-e-Sharif. No entanto, com o incidente em Andijan, a atitude do Ocidente em relação à resposta adotada pelo governo uzbeque levou não apenas à deterioração das relações EUA-Uzbequistão, como também ao estremecimento dos laços entre o país e as nações ocidentais. O apelo de Washington para que o governo uzbeque permitisse uma investigação internacional dos eventos de 2005 foi abertamente avaliado por Karimov como uma tentativa de interferência estrangeira nos assuntos internos do Estado (STARR, 2018).

Em resposta, alegando que os objetivos da OEF haviam sido alcançados, o Uzbequistão, assim como vizinhos da Ásia Central, anunciou na Cúpula da Organização para Cooperação de Xangai (SCO) em Astana, ainda em 2005, que os EUA precisavam estabelecer um cronograma para a retirada de suas bases militares da região (GLEASON, 2006)⁸. Da mesma forma, depois que a OTAN levantou preocupações sobre o uso excessivo e desproporcional da força nacional na repressão de manifestações civis, o Uzbequistão seguiu uma política de assentos vazios nas iniciativas de treinamento conjunto que participava e, após uma breve parceria com os EUA e o Ocidente, Karimov mudou a direção de sua estratégia com vistas a estabelecer laços mais estreitos com Pequim e Moscou⁹ (STARR, 2018).

Durante uma visita à Pequim, em 2005, os governos uzbeque e chinês assinaram um Tratado de Parceria Amistosa e Cooperativa e, nos anos seguintes, procuraram fortalecer o papel do Uzbequistão na SCO¹⁰. Tashkent também assinou um Tratado de Relações Aliadas com Moscou, retornando ao CSTO e sinalizando o que seria o início de um novo período de sua postura internacional (FUMAGALLI, 2007). Ainda assim, a adesão uzbeque ao órgão securitário permaneceu nominal e o país não ratificou nenhum acordo, nem participou de exercícios militares conjuntos dentro da organização (TALIPOV, 2013). À luz da decisão de suspender definitivamente sua participação na CSTO, devido a desacordos sobre a política da instituição em relação ao Afeganistão, em 2012, o Senado uzbeque (*Oliy Majlis*) adotou um novo conceito de política externa. O documento intitulado A Lei sobre a Aprovação do Conceito de Política Externa da República do Uzbequistão, com base nas experiências passadas, apresentou uma estratégia de inserção global renovada para o país, substituindo a lei de 1996 e enfatizando alguns pontos principais:

Em primeiro lugar, a República do Uzbequistão está empenhada em formar alianças, juntar-se a comunidades e outras estruturas interestatais de acordo com os mais altos interesses do Estado, do povo, seu bem-estar e segurança. A legislação nacional vigente aceita obrigações internacionais, bem como se reserva o direito de

⁸ A parceria uzbeque-EUA terminou oficialmente em julho de 2005, quando o Ministério de Relações Exteriores do Uzbequistão informou à embaixada dos EUA em Tashkent que as tropas americanas possuíam 180 dias para se retirar de Khanabad (GLEASON, 2006).

⁹ Além dos motivos já relatados, a eclosão de sucessivas Revoluções Coloridas apoiadas pelo Ocidente na Geórgia (2003), na Ucrânia (2004) e no Quirguizistão (2005), provocou a inquietação de Karimov, que também abandonou o GUAM em 2005 (STARR, 2018).

¹⁰ Com o qual o Uzbequistão tem estado intimamente associado desde 2001, uma vez que a Estrutura Antiterrorista Regional (RATS/SCO) da organização é sediada em Tashkent.

rescindir com elas;

Em segundo lugar, a República do Uzbequistão tomará medidas políticas, econômicas e outras para evitar seu envolvimento em conflitos militares e situações de ingerência nos países vizinhos, e também não permitirá que bases e instalações militares estrangeiras sejam sediadas em seu território;

Em terceiro lugar, o Uzbequistão segue uma política pacífica, não participa de blocos político-militares, reserva-se o direito de se retirar de quaisquer estruturas interestatais se elas se tornarem um bloco político-militar;

Em quarto lugar, de acordo com a Constituição da República do Uzbequistão e com a Lei Sobre a Defesa e a Doutrina Militar, as Forças Armadas da República são criadas apenas com a finalidade de proteger a soberania do Estado e a integridade territorial do país, preservando a vida pacífica e a segurança da população, e não participa de operações de manutenção da paz no exterior (BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO, 2012, tradução nossa).

Logo, havendo especulações de que o Uzbequistão voltaria a sediar novas bases norte-americanas em seu território, é possível aferir que o novo conceito serviu para acalmar os anseios russos ao determinar que o país abraçaria uma política de neutralidade nas suas relações de segurança. O princípio que passou a proibir a participação em operações de manutenção de paz também representou uma mudança fundamental na política externa uzbeque, uma vez que a Doutrina Militar de 1995 permitia explicitamente que as forças armadas nacionais participassem de tais missões (BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO, 1995).

Richard Weitz (2018) explica que Tashkent não se sentia inteiramente segura com as parcerias de Washington, até mesmo porque o vizinho Quirguistão, o qual abrigava bases americanas e russas, havia experimentado revoltas sociais de grande repercussão. Já Beishenbek Toktogulov (2022) defende que, enquanto no passado, o Uzbequistão havia seguido uma política externa oportunista que o deixava com medo de cair em uma zona de influência exclusiva, no período pós-2012, com sua neutralidade militar, o país buscou perseguir uma estratégia multivetorial e, assim, equilibrar as grandes potências na região. Com o Conceito de Política Externa de 2012 e a declaração que colocava a Ásia Central como prioridade desta estratégia, a república uzbeque entendeu que a diversificação de seu comércio, economia, tecnologia e transportes, bem como o seu desenvolvimento socioeconômico de longo prazo, só seria alcançável se relações avançadas com os Estados vizinhos e as potências regionais fossem consolidadas.

Como parte desta iniciativa, em 2013, o Uzbequistão passou a promover uma diplomacia propositiva em sua fronteira sul, oportunizando a reintegração do Afeganistão nas estruturas econômicas regionais. A administração Karimov apoiou um processo “6+3” como base para as negociações de paz afegã-talibãs. Nesse quadro, os seis vizinhos do Afeganistão (China, Irã, Paquistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão) seriam apoiados pela Rússia, EUA e OTAN (STARR, 2018). No entanto, a proposta de negociação defendida pelo presidente não surtiu efeitos práticos na medida em que a ingerência da guerra no país parecia uma saída mais atrativa naquele momento.

Vítima de um acidente vascular cerebral, Islam Karimov morreu em setembro de 2016 aos 78 anos de idade e, como comumente acontece com líderes mundiais, analistas e historiadores debaterão por muito tempo sobre as suas qualidades e seus defeitos. De acordo com Frederick Starr (2018, p. 28, tradução nossa), “[...] alguns o saudarão como o ‘pai fundador’ da república, enquanto outros o caracterizarão enquanto um ditador”. É verdade que Karimov foi implacável, sobretudo no gerenciamento do combate a grupos considerados terroristas no território uzbeque, mas, após 2005, o foco do extremismo islâmico na Ásia Central mudou-se do Uzbequistão, e muitas declarações sugerem que o presidente compreendeu plenamente a eventual necessidade de uma transformação fundamental em seu país.

Durante uma visita a Washington, ainda em 2002, um congressista norte-americano perguntou-lhe quando seu governo transformaria o Uzbequistão em uma economia de mercado com um sistema de governo aberto e democrático. Karimov declarou francamente que essas etapas, embora desejáveis e inevitáveis, teriam que esperar até que uma nova geração de jovens uzbeques surgisse para liderar mudanças mais radicais. Nas palavras do então presidente: “[...] esses jovens, homens e mulheres, voltam do exterior mais como vocês do que como nós. [...] Mas eles são nossos [...] Eles são uzbeques e poderão liderar essas mudanças que consideramos inevitáveis e que muitos no exterior aguardam com tanta ansiedade” (STARR, 2018,

p. 28, tradução nossa).

O governo Mirziyoyev e a política externa “propositiva” (2016-2023): rupturas ou continuidades?

Antes da morte do presidente Karimov, um sinal importante em direção às mudanças pretendidas pelo governo foi simbolizado com a nomeação de Shavkat Miromonovich Mirziyoyev ao posto de primeiro-ministro em 2003. Membro da geração média, Mirziyoyev trouxe consigo uma abordagem prática para a resolução de problemas. Durante seu mandato como governador da região de Samarkand, aplicou sua abordagem técnica no investimento em tecnologia e irrigação. Além disso, apesar de críticas à lisura dos processos judiciais e violações de direitos humanos, sua passagem pelo gabinete de *premiere* foi também marcada por avanços significativos na área da educação pública, na ampliação e participação de novos partidos políticos no cenário legislativo nacional e na renovação dos laços com o Ocidente e com a China, principalmente no âmbito da Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) (DADABAEV, 2018b).

Como presidente eleito, no pleito emergencial realizado em 2016, após atuar como presidente interino, Mirziyoyev iniciou mudanças expressivas nos ministérios da Justiça e Assuntos Internos, especialmente no que tange às decisões de tribunais e prisões consideradas arbitrárias, o que estabeleceu bases sólidas e fundamentais para as mudanças na legislação do país (Kelkitli 2022). Assim como o Conceito de Política Externa de 2012, a Estratégia de Desenvolvimento para 2017-2021, formulada em 2016, enfatiza a independência e a soberania nacionais, bem como a manutenção de relações equilibradas com outros países. No entanto, o governo Mirziyoyev ajustou algumas táticas na busca desses objetivos duradouros. Por exemplo, a Estratégia de Desenvolvimento estabelece metas como:

1. Juntar-se à fileira dos Estados democráticos desenvolvidos;
2. A criação de um cinturão de segurança, estabilidade e boa vizinhança ao redor do Uzbequistão;
3. Fortalecer a reputação internacional da República do Uzbequistão, disponibilizando à comunidade internacional informações objetivas sobre as reformas em curso no país;
4. Melhorar a estrutura legal da política e das atividades econômicas externas da República do Uzbequistão, bem como a base legal para a cooperação internacional;
5. Resolver questões de delimitação e demarcação da fronteira do Estado da República do Uzbequistão (MINISTÉRIO DE INVESTIMENTO E COMÉRCIO EXTERIOR DO UZBEQUISTÃO, 2017, s/p, tradução nossa).

Ademais, a nova Doutrina Militar de Defesa, aprovada em 2018 pelo *Oliy Majlis*, define em seus respectivos Artigos 2º e 10º:

Artigo 2º: A República do Uzbequistão confirma o caráter defensivo da Doutrina. Ela não considera nenhum dos Estados como seu adversário e constroi relações com todos os países com base na prioridade dos interesses nacionais do país e levando em consideração os princípios e normas geralmente reconhecidos do direito internacional, benefício mútuo, igualdade e não interferência nos assuntos internos de outros Estados, a solução de todas as controvérsias por meios pacíficos e por meio de negociações, o reconhecimento da inviolabilidade e imutabilidade das fronteiras interestatais existentes. [...]

Artigo 10º: A política da República do Uzbequistão no campo da defesa é baseada no seguinte princípios:

- § 1.º O não uso de força contra outros Estados, exceto nos casos de repressão e repulsão de agressão militar;
- § 2.º A indivisibilidade da segurança, a inadmissibilidade de fortalecer a própria segurança em detrimento da segurança de outros Estados;
- § 3.º A não interferência nos assuntos internos de outros Estados, solução pacífica de possíveis disputas;
- § 4.º A não participação em blocos político-militares, reservando-se o direito de retirar-se de qualquer entidade interestatal no caso de sua transformação em bloco político-militar;
- § 5.º A suficiência de defesa;
- § 6.º A adequação da construção militar à natureza dos conflitos militares modernos;
- § 7.º A renúncia à produção, aquisição, armazenamento, distribuição e implantação de armas nucleares e outros tipos de armas de destruição em massa;
- § 8.º A adesão aos princípios do Tratado sobre uma zona livre de armas nucleares na Ásia Central;
- § 9.º O impedimento da implantação de bases e instalações militares estrangeiras no território uzbeque;
- § 10.º A não participação das Forças Armadas em operações de paz e conflitos militares no exterior;
- § 11.º A confiança nos valores espirituais e morais, e na identidade cultural e civilizacional do povo uzbeque

(BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO, 2018, s/p, tradução nossa).

Dessa forma, na esfera doméstica, além do novo ordenamento militar e das reformas no sistema jurídico, o governo se concentrou em realizar modificações na estrutura econômica do país, visando reduzir o planejamento central, incentivar o investimento estrangeiro, liberalizar as regulamentações monetárias e estimular a inovação tecnológica. A Estratégia de Desenvolvimento, ainda, reestruturou a forma como as agências de segurança lidavam com o extremismo doméstico. Para este fim, Mirziyoyev criou um novo Centro para a Sociedade Islâmica em Tashkent, e aumentou a cota anual de fiéis autorizados a realizar o *Haje*, a peregrinação à cidade santa de Meca, na Arábia Saudita (WEITZ, 2018). Já no exterior, o Uzbequistão usou sua presidência na Organização de Cooperação Islâmica (OIC), em 2017, e outras oportunidades internacionais para promover iniciativas semelhantes. Em conjunto com a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), por exemplo, o país promoveu o treinamento e a formação de lideranças para inibir a lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo. Para resolver outro grande problema, ainda em 2017, o presidente anunciou uma iniciativa de US\$2,6 bilhões em cinco anos para desenvolver a região ambientalmente devastada do Mar de Aral (KELKITLI, 2022).

Mirziyoyev e a Política Regional: mudanças em curso?

Para Richard Weitz (2018), durante a era Mirziyoyev, o interesse do Uzbequistão pelo engajamento com os Estados da região aumentou significativamente. O país liderou a retomada de encontros entre os líderes das repúblicas centro-asiáticas, promovendo a iniciativa das Reuniões Consultivas de Chefes de Estados da Ásia Central, em 2017. Os presidentes do Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão participaram das cúpulas realizadas em Astana (2018), em Tashkent (2019), nas cidades turcomena e quirguiz de Avaza (2021) e Cholpon-Ata (2022), e recentemente na capital tadjique, Dushanbe (2023). As declarações conjuntas desses encontros, ainda que distantes do objetivo de reerguer a ex-CACO, estimularam o desenvolvimento gradual do comércio e da cooperação econômica, da diplomacia científica e cultural, além de parcerias industriais e ambientais (WEITZ, 2018). Em 2020, o volume de comércio entre o Uzbequistão e as repúblicas vizinhas totalizou quase US\$5 bilhões (KELKITLI, 2022).

Afora um novo impulso em direção ao regionalismo, o papel uzbeque na luta contra o COVID-19, durante 2020 e 2021, foi outro exemplo de liderança na Ásia Central. Mirziyoyev atuou na coordenação das medidas para conter a propagação do vírus e combater a pandemia na região, enviando ajuda humanitária aos vizinhos (TOKTOGULOV, 2022). O Uzbequistão também desempenhou um papel mediador durante o conflito de fronteira entre Quirguistão e Tadjiquistão em 2021. Tashkent encorajou a desescalada, incentivando o uso de canais diplomáticos para a resolução pacífica do conflito. Mirziyoyev ainda demonstrou interesse no fortalecimento das relações regionais em níveis inferiores e, durante 2021, organizou um encontro entre governadores uzbeques (da província de Fergana), tadjiques (da região de Sughd) e quirguizes (de Batken), durante o qual foram arregimentados acordos comerciais, de transporte e culturais (PANNIER, 2021).

Além dos esforços para impulsionar a colaboração regional, Mirziyoyev também se empenhou em resolver os problemas bilaterais do país com os vizinhos. Em 2018, o presidente visitou o Tadjiquistão e assinou com seu análogo, Rakhmon, um tratado de fronteira que estabeleceu dezesseis novas passagens transfronteiriças e viabilizou um regime de isenção de visto entre os dois Estados. O Uzbequistão também retomou a entrega de gás natural ao país e suspendeu sua objeção ao projeto da represa de Rogun, contanto que o governo tadjique mantivesse as garantias internacionais em relação ao direito de acesso à água. Ademais, o comércio com o Tadjiquistão aumentou 22% em 2017 e, a partir de 2018, as duas repúblicas passaram a realizar exercícios militares anuais e de combate ao terrorismo (SAUD, 2018).

Ainda sobre resoluções fronteiriças, Mirziyoyev concluiu, em 2017, um acordo de com o Quirguistão, quando o comércio com o vizinho cresceu cerca de 56% (SAUD, 2018). O tratado levou os dois Estados a negociarem conjuntamente a

demarcação de seus limites e, em 2021, anunciaram a resolução completa de suas questões de fronteira. Como parte da BRI, o Uzbequistão e o Quirguistão também lançaram um importante projeto de transporte em 2020, a conexão ferroviária-rodoviária China-Quirguistão-Uzbequistão, que, se concluída com sucesso, se tornará uma das rotas mais curtas entre a China e a Europa Ocidental, posicionando os países centro-asiáticos enquanto corredores de trânsito essenciais para as exportações chinesas. Já referente aos planos de Bishkek em estabelecer uma usina hidrelétrica em Kambarata, o governo uzbeque propôs construir conjuntamente o empreendimento e compartilhar o acesso à sua energia (KELKITLI, 2022).

Em parceria com o Cazaquistão, a administração Mirziyoyev estabeleceu uma ligação ferroviária de alta velocidade e a rodovia M-39. O volume do comércio uzbeque-cazaque aumentou cerca de 35% em uma base anual, atingindo US\$2 milhões em 2017. Além disso, os presidentes Mirziyoyev e Nazarbayev promoveram a aquisição de equipamento militar, petróleo, maquinário agrícola, veículos e outros bens produzidos em ambos os países (JAHON, 2017). Em 2021, as duas repúblicas, juntamente com os EUA, também introduziram a Parceria de Investimento na Ásia Central para atrair, pelo menos, US\$ 1 bilhão ao longo de cinco anos em apoio a projetos que promovam o crescimento do setor privado e impulsionem a conectividade econômica da região (KELKITLI, 2022).

Mesmo que de maneira tímida, no que diz respeito às relações com o Turcomenistão, a visita de Mirziyoyev, em 2017, resultou em importantes projetos de infraestrutura, incluindo a ponte ferroviária Turkmenabad-Farab, o que somado à retomada do tráfego aéreo mútuo, vem impulsionando ainda mais a cooperação entre as duas repúblicas (JAHON, 2017). O governo uzbeque ainda aceitou o convite do então presidente Gurbanguly Berdimuhamedov para participar do gasoduto Turcomenistão-Afganistão-Paquistão-Índia (TAPI), embora a situação afegã até o momento tenha bloqueado sua construção¹¹. Em 2018, estima-se que o comércio entre Uzbequistão e a república turcomena tenha aumentado cerca de 55% (SAUD, 2018).

Mirziyoyev, as grandes potências e os atores extrarregionais: ampliação de velhas parcerias?

No cenário das grandes potências, pode-se dizer que as relações Uzbequistão-Rússia já se encontravam “em alta” antes mesmo de Mirziyoyev se tornar presidente. A visita de Karimov a Moscou, no início de 2016, contou com longas reuniões oficiais e declarações públicas excepcionalmente amigáveis. Mirziyoyev, no entanto, continuou a reaproximação e minimizou as suspeitas de Karimov sobre as ambições de Putin na Eurásia. Durante sua viagem de Estado ao Kremlin em 2017, o novo mandatário apoiou a cooperação uzbeque-russa no combate às ameaças transnacionais e, em 2018, no âmbito das Nações Unidas, votou contra uma resolução que pretendia criminalizar a anexação da Crimeia por Moscou (THE TASHKENT TIMES, 2018; KELKITLI, 2022).

Para além do alinhamento político, a cooperação econômica é outro aspecto significativo dessa associação bilateral. Com o comércio mútuo alcançando US\$6 bilhões, em 2020, a Rússia se tornou o segundo maior parceiro comercial do Uzbequistão, depois da China. Ademais, a república uzbeque abriga mais de duas mil empresas de capital russo e os investimentos de Moscou acumulados no país chegaram a US\$ 10 bilhões, em 2021. Os laços institucionais entre Uzbequistão e Rússia no campo econômico foram ainda fortalecidos com a obtenção do *status* uzbeque de observador na UEE, em dezembro de 2020 (KELKITLI, 2022). Todavia, sua adesão plena dificilmente ocorrerá, uma vez que a estrutura da União pode minar, em grande medida, a autonomia uzbeque de assinar acordos comerciais independentes.

A colaboração técnico-militar também progrediu durante a era Mirziyoyev. Os ministros da Defesa russo e uzbeque assinaram o Tratado sobre o Desenvolvimento da Cooperação Técnico-Militar em novembro de 2016, que incluía a compra de equipamentos militares da Rússia com preços exclusivos. No ano seguinte, quando Moscou retornou com a proposta de estabelecer bases no Quirguistão, Mirziyoyev demonstrou um alto grau de destreza, se opondo à intenção do Kremlin ao tempo em que também aumentava a aquisição de armas fabricadas pelo parceiro. O agravamento da condição de segurança no

¹¹ Geograficamente, é interessante ressaltar que, por meio do território turcomeno, o Uzbequistão ganha acesso a um corredor de transporte ocidental para o Mar Cáspio, Cáucaso, Europa e Golfo Pérsico.

Afeganistão foi outro fator que precipitou uma cooperação militar mais próxima com Putin. Em 2021, após retiradas as tropas americanas de Cabul, uzbeques e russos, que haviam retomado exercícios conjuntos em 2017, realizaram demonstrações de força em Samarkand e, no final daquele ano, juntamente com o Tadjiquistão, conduziram manobras próximas à fronteira afegã (FEDERAÇÃO RUSSA, 2021; KELKITLI, 2022).

O processo de “normalização” dos laços com os EUA, por sua vez, que teve início nos últimos anos da presidência Karimov, continuou sem interrupções durante o período seguinte. O novo presidente uzbeque inicialmente se encontrou com o norte-americano Donald Trump no âmbito da Cúpula Árabe-Muçulmana e EUA, realizada em Riad, na Arábia Saudita, em 2017. Posteriormente, em 2018, Mirziyoyev foi recebido na Casa Branca, onde assinou um acordo nas áreas de educação e intercâmbio cultural. O acordo foi seguido pela visita do então Secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, ao Uzbequistão em 2020, e pelas conversas que ocorreram sob os auspícios da cúpula C5+1, que reúne Washington e os cinco países da Ásia Central. Esse canal de comunicação permaneceu ativo na administração Joe Biden, com reuniões esporádicas entre Anthony Blinken e as repúblicas da região (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA, 2023).

A melhoria da relação entre Uzbequistão e EUA pode ser atribuída ao aumento da afinidade e cooperação entre os dois países para a manutenção da segurança e estabilidade no Afeganistão. O Estado uzbeque foi considerado um parceiro-chave pelos norte-americanos na questão afegã ao apoiar o fornecimento de eletricidade, assistência econômica e desenvolvimento da infraestrutura regional. Nesse sentido, o governo Mirziyoyev se encontrou com o Representante Especial dos EUA para a Reconciliação do Afeganistão, Zalmay Khalilzad, e, em 2020, participou da cerimônia de assinatura do acordo de paz entre os EUA e Talibã, realizada em Doha, no Catar (DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA, 2021). Ou seja, a preservação da segurança e a estabilidade do Afeganistão tem sido o principal eixo de cooperação entre o Tashkent e Washington durante a presidência de Mirziyoyev.

No entanto, a retirada militar de Cabul e a suspensão da embaixada americana no local demonstraram que os EUA, em grande medida, tem se dissociado desses países¹². Além disso, o aspecto econômico do relacionamento entre os dois governos ficou muito aquém das cifras comerciais do Uzbequistão com a China e a Rússia, por exemplo. O comércio bilateral entre eles atingiu um pouco mais de US\$ 500 milhões em 2019, e os tímidos investimentos de empresas norte-americanas em solo uzbeque mal ultrapassaram US\$ 1 bilhão no mesmo ano (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO UZBEQUISTÃO, 2019; MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO UZBEQUISTÃO, 2020). Tal situação contrasta frontalmente com a maior parceira comercial do país em seu exterior próximo e com o principal ponto de inflexão estadunidense no local, a China.

É correto afirmar que o governo Mirziyoyev continuou alinhado às posições antigas do país relacionadas à questão de Xinjiang. Aliás, o presidente uzbeque enfatizou que o assunto é algo puramente interno e acrescentou que Tashkent apoia firmemente Pequim na defesa de sua soberania e segurança nacional (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, 2021; KELKITLI, 2022). Contudo, a cooperação econômica com os chineses é o que de fato vem se desenvolvendo de maneira constante, caracterizando e demonstrando a continuidade da política externa do Uzbequistão no período pós-Karimov.

A China tornou-se a principal parceira comercial do país em 2015, quando ultrapassou a Rússia. O comércio bilateral entre os dois Estados alcançou US\$ 6,4 bilhões, em 2020, e como parte da BRI, o volume total de investimento direto chinês no país também é expressivo, superando US\$ 9 bilhões, em 2020. Ainda no âmbito do mega-projeto de Pequim, o Uzbequistão construiu o Túnel Kamchiq, significativo para a revitalização da ferrovia Andijan-Pap-Angren-Tashkent, e busca potencializar sua posição como corredor de transporte ao aproveitar da parceria para desenvolver ligações rodoviárias-ferroviárias e aprimorar seu complexo industrial. Atualmente, existem cerca de cinquenta projetos específicos relacionados à BRI no local

¹² Tashkent começou a sediar o Escritório Oficial de Ligação da OTAN para a Ásia Central em 2013, mas o mesmo foi fechado em 2017 por motivos orçamentários (DADABAYEV, 2018a).

(LIMANOV, 2020; KELKITLI, 2022).

Mirziyoyev também recebeu cerca de US\$ 309 milhões do Banco de Desenvolvimento do Estado Chinês, destinado à aquisição de novas aeronaves para *Uzbekistan Airways*, oferta seguida pelo Banco Exim da China, que disponibilizou US\$ 65 milhões para construção de novas usinas hidrelétricas no país. A dívida dessas duas instituições financeiras chinesas representa 17% daquela total do Uzbequistão, o que correspondia a 40,1% do PIB uzbeque, em 2021. No campo da colaboração em segurança, também houve avanço durante o período recente. Tashkent adquiriu rifles de precisão, mísseis anti-aéreos e aeronaves não tripuladas de Pequim. A Academia do Ministério de Assuntos Internos do Uzbequistão e a Universidade de Segurança Pública do Povo se tornaram parceiras oficiais em 2017, e os dois governos iniciaram um intercâmbio no seguimento técnico-militar para o treinamento conjunto de suas forças armadas no combate ao terrorismo, reforçando uma cooperação já desenvolvida no âmbito da SCO (LIMANOV, 2020; THE TASHKENT TIMES, 2021).

Apesar dos ganhos com Pequim, porém, a política externa sob Mirziyoyev não excluiu outras parceiras. Aqui cabe citar a aproximação do governo com os atores não-regionais, tais como Japão e Coreia do Sul no campo da cooperação econômica e, mais especificamente, no setor do desenvolvimento tecnológico. Outra grande aliada nesta categoria é a Turquia, que retornou ao círculo de interesses prioritários de Tashkent. Em Ancara, durante uma visita proposta pelo presidente turco Recep Tayyip Erdoğan, Mirziyoyev assinou mais de vinte acordos no âmbito do então recém-criado Conselho de Cooperação Estratégica de Alto Nível Turquia-Uzbequistão. A parceria de 2017, consagrada em diversas áreas, como economia, comércio, investimentos e defesa, fez com que a Turquia ficasse em quinto lugar entre os maiores parceiros comerciais do país, com um volume de comércio bilateral de US\$ 2 bilhões, em 2020. Ainda naquele ano, o número de empresas no Uzbequistão com capital turco chegaria à casa do milhar e, em 2021, os dois governos assinaram um memorando de entendimento para aprimorar as relações econômicas (KELKITLI, 2022).

A despeito da distância territorial entre suas fronteiras, ambos os países compartilham a trajetória civilizacional turca e, nesse sentido, Ancara e Tashkent também se uniram nos formatos multilaterais, como na Organização de Cooperação Econômica (ECO), na Organização para a Cooperação Islâmica e no Conselho de Cooperação dos Estados de Língua Turca (ou o Conselho Turco)¹³, no qual o Uzbequistão é membro pleno desde 2019. Durante a era Mirziyoyev, Tashkent e Ancara também progrediram na cooperação militar. Em 2017, o presidente uzbeque e o então Ministro da Defesa Nacional turco, Nurettin Canikli, assinaram um acordo que permitiu o treinamento de oficiais na Turquia e exercícios militares conjuntos, seguido por um memorando que estabeleceu o desenvolvimento da indústria de defesa entre as empresas turca Nurol Makina e a uzbeque UzAuto (KELKITLI, 2022).

Houve ainda o aprofundamento das relações entre o Uzbequistão de Mirziyoyev e as instituições internacionais, sobretudo as europeias, o que ajudou o país a implementar áreas prioritárias de sua Estratégia de Desenvolvimento. Embora a Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), por exemplo, tenha criticado as presidenciais uzbeques de 2016, um ano depois, o Uzbequistão destacou o interesse de estabelecer uma interação mais ativa com a Organização e, desde então, vem tentando alinhar-se a uma série de reformas domésticas (OSCE, 2017). Este compromisso fugura algumas das condições estabelecidas pelo órgão europeu ao assinar o Memorando de Entendimento UE-Uzbequistão sobre cooperação energética, o Acordo de Parceria e Cooperação Reforçada UE-Uzbequistão (EPCA) e a adesão do Estado uzbeque ao Sistema de Preferências Generalizadas da UE (SPG+), em 2021 (TOKTOGULOV, 2022).

Discussões e considerações finais

Após o colapso da URSS em 1991, os líderes uzbeques tentaram preservar a segurança e a economia nacionais, enquanto buscavam alcançar seus objetivos em organizações multilaterais e se mantiveram distantes das iniciativas que

¹³ O Conselho Turco foi fundado em outubro de 2009, por Turquia, Azerbaijão, Cazaquistão e Quirguistão, para aprimorar a solidariedade política, cooperação econômica e interação sócio-cultural do mundo turcófono, e pode ser considerado um instrumento de *soft power* do governo turco de Erdoğan.

pudessem minar a independência do país. Dessa forma, mesmo conservando algumas das características soviéticas, principalmente no que se refere às questões econômicas, o que surgiu no Uzbequistão foi algo fundamentalmente novo, uma vez que, com o fim da URSS, o legado da construção do Estado e do desenvolvimento social abriram espaço para a interação inédita entre os interesses das elites locais e os desafios daquele período, neste caso, os verdadeiros responsáveis pela particular evolução política nacional. Essa situação se provou extremamente resistente à alteração na presidência do país, mas e quanto à política externa desses dois governos?

Para Charles Hermann (1990), grande parte das mudanças nas políticas externas dos Estados ocorre quando novos governos, com diferentes alinhamentos e percepções do cenário e das agendas internacionais, assumem o poder, sendo estas alterações geralmente bastante significativas. No entanto, Hermann foca sua análise nas mudanças que acontecem sem que haja necessariamente uma modificação na liderança do país, denominadas Mudanças Autocorretivas. Ele divide essas mudanças em quatro níveis distintos, sendo eles:

1. O nível de Mudanças de Ajuste, que se refere a uma alteração na intensidade com que se busca um determinado objetivo, sem modificar os objetivos gerais da política externa ou os meios pelos quais são perseguidos.
2. O nível de Mudanças de Programa, representado por alterações nos métodos ou meios utilizados para atingir um objetivo, este que permanece inalterado.
3. O nível de Mudança de Objetivo, onde ocorre a substituição ou abandono do objetivo inicial da política externa.
4. E, por fim, o nível de Mudança de Orientação Internacional, que envolve alterações radicais e simultâneas em diversas estratégias, implicando uma transformação no papel internacional do ator em questão.

No caso do Uzbequistão, afirma-se que, após estabelecer e solidificar sua soberania, assim como a unidade nacional, a política externa pode ser dividida em quatro fases:

1. Na primeira (1992-1999), o país manteve laços de segurança com a Rússia (CEI e CSTO) e estabeleceu parcerias com organizações ocidentais, como a OTAN. Ao mesmo tempo, aderiu aos demais organismos internacionais e fortaleceu a cooperação regional ao fundar a União da Ásia Central (CAU) e a Comunidade Econômica da Ásia Central (CAEC).
2. A segunda fase (1999-2005) foi marcada pela consolidação das relações com o Ocidente, pela deterioração das iniciativas regionais e sua saída da CSTO, pela posterior adesão ao GUAM, e por sua participação na SCO. No mesmo contexto, os ataques de 11 de setembro e a operação da OTAN no Afeganistão reforçaram os laços de segurança com os EUA, ainda que esta aproximação pudesse violar as diretrizes de sua política externa, firmadas em 1996, ao auxiliar na ingerência externa de países vizinhos.
3. Durante a terceira fase (2005-2012), após os eventos de Andijan e das Revoluções Coloridas regionais, houve uma prioridade nas relações com Rússia e China, em detrimento da associação com o Ocidente. O país encerrou o uso da base aérea de Karshi-Khanabad pelos estadunidenses, em 2005, e reintegrou a CSTO, em 2006. Desafios foram enfrentados na definição das fronteiras e na resolução de questões relacionadas aos exclaves uzbeques no Quirguistão e aos exclaves tadjique e quirguiz em seu território, em meio a disputas com os vizinhos pelos recursos hídricos da Ásia Central.
4. Já a última fase (2012-presente) foi (e continua sendo) caracterizada pelo esforço de encontrar um equilíbrio com as Grandes Potências na região, sobretudo com a revitalização de seu Conceito de Política Externa, adotado em 2012. O país se retirou definitivamente da CSTO, mas manteve laços políticos e econômicos sólidos com Moscou. As relações com Washington melhoraram em certa medida, ao tempo em que se consolidaram os laços comerciais e estratégicos com Pequim e seus projetos de infraestrutura. Além disso houve também maior aprofundamento do envolvimento

uzbeque na agenda regional europeia e turca.

Neste contexto, é incorreto definir a política externa de Karimov como oportunista, ocasionalmente desconsiderando o princípio de não-alinhamento com blocos militares e políticos, bem como a não interferência nos assuntos de estados vizinhos. Isso porque entende-se que as preocupações devem ser concebidas não como os objetivos finais da política externa de um país, mas sim como condicionantes do ambiente internacional que moldam a percepção deste Estado, levando a respostas internas e externas a esses dois ambientes. O esforço para legitimar a soberania uzbeque e projetar sua influência em um cenário inicialmente desfavorável, por assim dizer, demonstra que Tashkent foi pragmática, especialmente no início dos anos 2000, aproveitando o espaço de negociação e barganha proporcionado pelo Sistema Internacional, em vez de ser errática.

Além disso, o vácuo de poder deixado pela URSS em meio à violência regional e aos temores da desintegração nacional foram fatores fundamentais para o comportamento do país nas esferas doméstica e internacional. Nesse sentido, tanto os macroprocessos estruturais quanto os eventos conjunturais em níveis regional e extrarregional justificam os movimentos descontínuos e as posições antagônicas da política externa de Karimov. Consequentemente, pode-se argumentar que o comportamento internacional pré-Mirziyoyev foi amplamente construído com base em um processo reacionário às ameaças percebidas, incluindo aquelas relacionadas à segurança, às restrições internas, bem como às limitações em nível global.

Convém afirmar ainda que essa construção reacionária continuou sob Shavkat Mirziyoyev. No caso, tanto o Conceito de Política Externa de 2012, como a Estratégia de Desenvolvimento para 2017-2021, permaneceram enfatizando a independência e a soberania nacionais, bem como a manutenção de relações equiláteras com outros países. De maneira similar, observou-se a manutenção e o fortalecimento da posição de neutralidade do país, com a Doutrina Militar de 2018. Em outras palavras, de acordo com Hermann (1990), o que aconteceu no caso uzbeque foi uma Mudança de Ajuste, onde foram identificadas modificações no esforço com que o Uzbequistão perseguiu e continua a perseguir um objetivo específico, representado pelo Conceito de 2012 e pela Estratégia de 2017: a promoção do equilíbrio.

Ao assumir a presidência, o novo líder embarcou na revitalização da abordagem regional do Uzbequistão aos assuntos externos, participando de reuniões com países vizinhos, propondo soluções pacíficas para disputas fronteiriças e posicionando o Uzbequistão como uma liderança na Ásia Central. Assim, embora haja a continuidade na estratégia de política externa de Karimov sob Mirziyoyev, houve uma mudança em sua abordagem, facilitando sua implementação. Essa Mudança de Ajuste pode também ser entendida como parte de um contexto global mais amplo, de transição do Sistema Internacional contemporâneo, algo que não somente conferiu estabilidade regional à nova administração, como a levou a ajustar algumas táticas na busca dos objetivos elaborados pelo governo anterior.

Graças a essa alteração, no cenário mundial, Mirziyoyev, que em 2021 foi reeleito para outro mandato e que, em 2023, venceu eleições emergenciais (realizadas após um referendo constitucional ter modificado a legislação eleitoral uzbeque), tem trabalhado na reconstrução econômica do país e buscado fortalecer os laços político-comerciais com as repúblicas da Ásia Central, Rússia e China, a fim de maximizar o potencial dessas relações e, subsequentemente, de atores não regionais da Comunidade Internacional (vide seus laços políticos-militares com a Turquia e com organizações como a OSCE e a UE). Especialmente, por meio do comércio bilateral e do aprofundamento de seu envolvimento com instituições internacionais, Mirziyoyev busca cada vez mais oportunidades no âmbito da BRI, consolidando a posição uzbeque enquanto um importante corredor de transporte. No entanto, ao manter amplamente as diretrizes de 2012, essas “novas direções” devem ser menos percebidas como rupturas revolucionárias e mais como passos lógicos de um Estado em direção ao seu desenvolvimento independente.

Referências

- ABRAÇO, Adão. *Introducing Mirziyoyev's Uzbekistan. Spotlight on Uzbekistan*. London: Center for Foreign Policy, 2020. Disponível em: <https://fpc.org.uk/wp-content/uploads/2020/07/Spotlight-on-Uzbekistan.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.
- ANCESCHI, Lucas. *Mirziyoyev's Foreign Policy: Globalizing Uzbekistan in the Asian Century*. *Georgetown Journal of International Affairs*, 2019. Disponível em: <https://www.georgetownjournalofinternationalaffairs.org/online-edition/2019/4/1/mirziyoyev-foreign-policy-globalizing-uzbekistan-in-the-asian-century>. Acesso em: 25 set. 2021.
- AYDIN, Gülşen. *Authoritarianism Versus Democracy in Uzbekistan: Domestic and International Factors*. 2004. Dissertação (Mestrado) - Middle East Technical University, Ankara. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.424.8628&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.
- BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO. *Ukaz ob oboronnoy doktrine Respubliki O'zbekiston (A Lei sobre a doutrina de defesa da República do Uzbequistão)*. 2018. Disponível em: <https://www.lex.uz/docs/3495906>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO. *O'zbekiston Respublikasining Harbiy Doktrinasi (A Doutrina Militar da República do Uzbequistão)*. 1995. Disponível em: <https://lex.uz/docs/-134024>. Acesso em: 30 fev. 2023.
- BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO. *Ukaz ob Osnovnykh Printsipakh Vneshnepoliticheskoy Deyatel'nosti Respubliki O'zbekiston (A Lei sobre os Princípios Principais das Atividades Políticas Estrangeiras da República do Uzbequistão)*. 1996. Disponível em: <https://lex.uz/docs/39322>. Acesso em: 30 fev. 2023.
- BANCO DE DADOS NACIONAL DE LEGISLAÇÃO DA REPÚBLICA DO UZBEQUISTÃO. *O'zbekiston Respublikasining Tashqi siyosiy faoliyati konsepsiyasini tasdiqlash to'g'risida (Lei Sobre a Aprovação do Conceito de Atividade Política Estrangeira da República do Uzbequistão)*. 2012. Disponível em: https://parliament.gov.uz/uz/info/press/9508?sphrase_id=6883278. Acesso em: 30 fev. 2023.
- CAPISANI, GR. *The Handbook of Central Asia: A Comprehensive Survey of the New Republics*. Londres: IB Tauris, 2000.
- DADABAEV, T. *Uzbekistan as Central Asian game changer? Uzbekistan's foreign policy construction in the post-Karimov era*. *Asian Journal of Comparative Politics*, v. 4, n. 2, p. 162–175, 2018a. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2057891118775289>.
- DADABAEV, Timur. *The Chinese economic pivot in Central Asia and its implications for Post-Karimov re-emergence of Uzbekistan*. *Asian Survey*, University of California Press, v. 58, n. 4, p. 747–769, 2018b.
- DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA. *Relations with Uzbekistan*. 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-uzbekistan/>. Acesso em: 4 set. 2022.
- FEDERAÇÃO RUSSA. *Mikhail Mishustin's Conversation with Prime Minister of Uzbekistan Abdulla Aripov*. 2021. Disponível em: <http://government.ru/en/news/42088/>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- FUMAGALLI, Matteo. *Alignments and Realignment in Central Asia: The Logic and Implication of Uzbekistan's Rapprochement with Russia*. *International Review of Political Science*, v. 28, n. 3, p. 253–271, 2007.
- GLEASON, Gregório. *The Uzbek Expulsion from the US and Realignment in Central Asia*. *Problems of Post-Communism*, v. 53, n. 2, p. 49–60, 2006.
- HERMANN, Charles F. *Changing Course: When Governments Choose to Redirect Foreign Policy*. *International Studies Quarterly*, no 34. International Studies Association, 1990.
- JAHON. *Uzbekistan I Kyrgyzstan na Puti Ukrepleniya Vazimovyygodnogo Sotrudnichestva. [Uzbekistan and Kyrgyzstan on the path towards strengthening mutually beneficial cooperation]*. 5 set. 2017. Disponível em: <http://www.jahonnews.uz/ru/aktualno/124/38550/>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- KARIMOV, I. *Uzbekistan na Poroge [Uzbekistan on a verge of XXI century: Challenges to its Security, Conditions and Guarantees for Progress]*. Moscow: Drofa, 1992.
- KELKITLI, Fatma Asli. *Uzbekistan's Foreign Policy Under the Leadership of Mirziyoyev: Struggle to Sustain Autonomy*. *Marmara University Journal of Turkology*, v. 9, n. 1, p. 25–43, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.16985/mtad.1087202>.

Acesso em: 2022.

LIMANOV, Oleg. Uzbekistan-China Relations during the Covid-19 Pandemic. Central Asian Bureau for Analytical Reporting, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://cabar.asia/en/uzbekistan-china-relations-during-the-covid-19-pandemic>. Acesso em: 2 set. 2022.

MERRITT, Robin Nicole. Facade Democracy: Democratic Transition In Kazakhstan And Uzbekistan. 2004. Dissertação (Mestrado) - University of Central Florida. Disponível em: <https://stars.library.ucf.edu/etd/143>. Acesso em: 22 jan. 2022.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. Uzbekistan President Shavkat Mirziyoyev Meets with Wang Yi. 2021. Disponível em: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/zxxx_662805/t1892609.shtml. Acesso em: 2 set. 2022.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO UZBEQUISTÃO. Meeting with the U.S. Special Representative for Afghanistan Reconciliation. 2019. Disponível em: <https://mfa.uz/en/press/news/2019/meeting-with-the-us-special-representative-for-afghanistanreconciliation—22815>. Acesso em: 4 set. 2022.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO UZBEQUISTÃO. Meeting with the U.S. Special Representative for Afghanistan Reconciliation. 2020. Disponível em: <https://mfa.uz/en/press/news/2020/meeting-with-the-us-special-representative-for-afghanistanreconciliation—27339>. Acesso em: 4 set. 2021.

MINISTÉRIO DE INVESTIMENTO E COMÉRCIO EXTERIOR DO UZBEQUISTÃO. Development strategy of the new Uzbekistan (Estratégia de Desenvolvimento do novo Uzbequistão). 2017. Disponível em: <https://invest.gov.uz/mediacenter/news/development-strategy-of-the-new-uzbekistan/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

NURIMBETOV, Rakhmatulla Ibragimovich. Fundamental Changes in Uzbekistan's Foreign Policy towards Central Asia. The Korea Post, 2021. Disponível em: <https://www.koreapost.com/news/articleView.html?idxno=22334>. Acesso em: 25 set. 2021.

OMELICHEVA, Mariya Y. Democracy in Central Asia: Competing Perspectives and Alternative Strategies. Kentucky: University Press of Kentucky, 2015.

PANNIER, Bruce. Russia: Uzbekistan Renews Old Relations. Free Europe-Radio Liberty, 1999. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/1094026.html>. Acesso em: 5 fev. 2022.

PANNIER, Bruce. Uzbekistan: Minister Announces Plans to Exit CIS Defense Pact. Free Europe-Radio Liberty, 2000. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/1090491.html>. Acesso em: 9 fev. 2022.

PANNIER, Bruce. Afghanistan, Coronavirus Lend Extra Weight to Central Asian Leaders' Summit. RFE/RL, 9 ago. 2021. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/central-asia-taliban-coronavirus/31401479.html>. Acesso em: 4 set. 2022.

POUJOL, Catherine. International Relations in Central Asia: A Focus on Foreign Policies. In: VAN DEN BOSCH, Jeroen; FAUVE, Adrien; DE CORDIER, Bruno (Eds.). European Handbook of Central Asian Studies: History, Politics, and Societies. Stuttgart: Ibidem, 2021.

SAUD, Adam. Shifting Dynamics of Uzbekistan's Foreign Policy under Shavkat Mirziyoyev: Prospects for Regional Economic Integration in Central Asia. Central Asian Journal, v. 82, n. 1, p. 1-35, 2018.

STARR, F.; CORNELL, S. (Eds.). Uzbekistan's New Face. London, 2018.

TALIPOV, Farkhod. Uzbekistan without the CSTO. Analyst CACY, 2013. Disponível em: <https://www.cacianalyst.org/publications/analytical-articles/item/12652-uzbekistan-without-the-csto.html>. Acesso em: 15 fev. 2020.

THE TASHKENT TIMES. Uzbekistan Voted against UN Resolution on Crimea. 16 nov. 2018. Disponível em: <https://tashkenttimes.uz/world/3190-uzbekistan-voted-against-resolution-on-crimea-at-un>. Acesso em: 31 ago. 2022.

THE TASHKENT TIMES. Branch of Russian Mendeleev University of Chemical Technology Opens in Tashkent. 27 maio 2021. Disponível em: <https://tashkenttimes.uz/national/6967-branch-of-russian-mendeleev-university-of-chemical-technology-opens-in-tashkent>. Acesso em: 31 ago. 2021.

TOKTOGULOV, B. Uzbekistan's Foreign Policy Under Mirziyoyev: Change or Continuity? Eurasian Research Journal, v. 4, n. 1, p. 49-67, 2022. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/pub/erj/issue/68365/1066059>. Acesso em: 9 fev. 2022.

WEITZ, Richard. Uzbekistan's New Foreign Policy: Change and Continuity under New Leadership. In: STARR, F.; CORNELL, S. (Eds.). Uzbekistan's New Face. London, 2018. p. 82-114.

ZAKIROV, Iskander; NEVSKAYA, Yuliya. The New Foreign Policy Doctrine of Uzbekistan. The Central Asia-Caucasus Analyst, 2017. Disponível em: <https://www.cacianalyst.org/publications/analytical-articles/item/13470-uzbekistansnew-foreign-policy-doctrine.html>. Acesso em: 25 set. 2021.

